

palavras sujas sobre azulejos brancos



camilo soares

PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS

1ª edição
recife.pe
são paulo.sp





Agradecimentos encardidos
às leituras límpidas de queridas parcerias:
André Telles do Rosário, Angélica Moraes,
HVB, Renata Pimentel,
Ronaldo Correia de Brito
e Tenille Bezerra



*Nenhum amigo meu se acomoda na minha cadeira,
Não tenho cátedra, nem igreja, nem filosofia,
Não conduzo ninguém à mesa de jantar, biblioteca, câmbio,
Mas cada homem e cada mulher entre vocês eu conduzo ao topo de uma colina,
Minha mão esquerda enlaçando sua cintura,
Minha mão direita apontando paisagens de continentes e a estrada.
Nem eu, nem mais ninguém pode viajar essa estrada por você,
Você deve viajá-la você mesmo.*

Walt Whitman, *Song of Myself*



AntiPrefácio a PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS	11
A mão	15
Branco	16
Pegadas	18
Beijo na chuva	19
Oriente	20
Cântaro	26
O Espelho	28
De como reter o impermanente	31
A inexata ciência da pedra	33
Consciência do nada	35
O parque	36
Sombras	38
A manhã	39
Maré	41
Fotografia de vento	42
Rosa dos ventos	44
O Sopro	45
Medo do claro	46
A beleza do gesto	49
Coisas irrestritas	51
Casa de Areia	53
Totens	55
Sal da Terra	57
Decanto	62
Tempo e suas desistências	64
Epílogo de um diário monólogo	66
O se	68



ANTI-PREFÁCIO A PALAVRAS SUJAS SOBRE AZULEJOS BRANCOS

[*a estrada é mais larga que o destino*, sim, mas é certo que amanhece sempre: *e a singela loucura da felicidade é* diapasão da precisa luz que firma na retina do leitor o tempo dilatado em todos os sentidos], pois que nos ensinou o de Hipona: as três instâncias das areias que deslizam na ampulheta são a memória (presente do passado), a intuição direta (presente do presente) e a esperança (presente do futuro) como ação mesmo de quem deambula e fla(n/m)aja com as acesas cadeias do estrangeiro para si mesmo: poeta/profeta do próprio destino. Aqui o salto é protegido pela consciência expandida: não há redes de proteção e as asas são engenho humano também, que se projetam de escápulas impermanentes.

Desconstruindo instantes e formas inabaláveis, a poética de Camilo Soares é poesia e som e cheiro, sabe a ciência de pedra e pólen, reconta história nos fragmentos de uma tessitura que escreve sua própria cronologia de apropriações, porque incorpora vozes e versos da sua particular trajetória de leitor. Vamos resvalando distraídos em Whitman, Pessoa e suas várias pessoas, Éluard, Eliot, Hilda Hilst, Cecília Meirelles, tantas vozes e geografias poéticas. Esta escritura cifra a que vem, em labirinto sedutor: músico, fotógrafo, cineasta - sinestésico e intersemiótico é o jeito de existir e criar mundos deste moço nestas *Palavras sujas sobre azulejos brancos*.

Quem incauto adentre os bosques e as águas e as veredas de Camilo há de alumbrar-se, pois terá as retinas

afagadas de suave e crua vertigem, da violência por dentro dos afagos, em poemas que são precisas imagens do verbo, mais que encarnado, dado a ver, exibido, posto em cena. E tropeçará nas pistas reluzentes ao longo do trajeto. Em um *Parque*, sentará ao lado de Santo Agostinho, para partilhar Confissões, em versos:

Tanto tempo a luz
entre as acácias
já não desenha o chão
não definha a imagem do dia
filma apenas o movimento dos grãos
e repete
leve como tarde sempre vento
tudo o que fizemos
e o que se fez sem nós
tudo o que faremos
e o que se fará quando não estivermos mais

Leve
como tempo do mundo todo
como todo tempo no mundo
nesses olhos de fim de tarde

Uma algaravia de sentidos, mas em um andamento harmônico, música mesmo de retinas ativadas pelo verbo que se faz cena, em conluio com o acordar dos outros sentidos:

cheiro suave de manhã já poeira
o começo da tarde morna
quando as formigas ocupam os cômodos fechados

...esses versos nos são ofertados em Sombras, fui sendo pinçada pelo eco surdo deles, como quando reverbera no corpo a agulha da acupuntura no ponto em que o órgão precisa curar a si e ao tempo roto. É esta uma tela que, a mim, nos propõe o poeta, atento à estrada na qual ousará revelar a:

fotografia de vento
suspensão sem nome nem forma
apenas esquecimento sopra nas nuvens
navalha nos olhos
verdes de tanta vista

...um cão andaluz seguindo seu percurso sem carta naval, em asfalto bruto ou terra batida, Camilo sabe que *nos mesmos rios somos e não somos* - por isso invoca *Heráclito* - e segue de Baudelaire a Carlos Pena Filho, das margens de uma retirância que sabe o humano errante e diletante gregário. Regrava em palavra a imagem da xilogravura de Oswald Goeldi (*antes do guarda-chuva rasgar o céu/ riscando de vermelho o cinza e a saudade*); Camilo é poeta antigo, no começo da sempre reiniciada jornada e, como Octavio Paz, consagra cada instante com sua grafia suja, sobre um nunca imaculado intervir do animal homem. Precipitemo-nos nesta poesia, ela é mundo vasto, sustentido e intenso; ela acolhe, desperta, dói e lacera: ela vale muitas léguas de leitura e sentidos.

Renata Pimentel

poeta, da dança e do teatro, escritora, cuidadora de plantas e felinas
vidas; leitora cúmplice



A MÃO

A mão que descreves é palavra
e não tocará o rosto
será som e ideia
desejo de voar
respirar a brisa da noite
fazer sentir seu toque

A mão que lembrás é imagem
e não tocará o rosto
será forma e intento
desejo de luz e vento
ser puro ser agora
sentir quando te acaricia

A mão que sonhas é ideia
e enrançada a devaneios
não tocará o rosto
formará imagem
repetirá tantas vezes palavra
que acreditarás no toque
jamais acontecido

BRANCO

*pelo que dentro fizeram
com seus vazios, com o nada*

(João Cabral de Melo Neto, *A Mulher e a Casa*)

Noite de chuva
poeira sobre os móveis
secas lembranças

Nas brechas úmidas da parede
o chão penetra
rastros na pista

Voz velada
sons ternos
tenros descaminhos

Quando o que é leve se perde
e o vento esquecido
não sopra mais nos olhos

Apenas resseca farpas
cheiro de cinza
ciscos na estrada

Brasão na sacada
o nome e o sangue
uma pá de cal

História calada
feridas no muro
gritos da madrugada

Curvas
cruzes
coração
palavras sujas sobre azulejos brancos

PEGADAS

A chuva lá fora
apaga os passos na rua
e os marca dentro de casa

A chuva lá fora
é a mesma que molha o rosto
nas noites vazias

Lá fora
parece azul como nada
chove cor de antigamente
aqui cheira a mofo e presente
urgência emudecida a vida
finita lá fora o barro
futuro
a lama no asfalto refletindo os dias
quando o vento lhe molha o rosto